

FAZER TEOLOGIA A PARTIR DA ALTERIDADE DO MIGRANTE

Sidnei Marco Dornelas

Resumo:

Dornelas reconhece que os movimentos migratórios e seus desafios pastorais não passaram despercebidos pela Igreja que buscou orientar as suas atividades com alguns documentos e instrumentos nos diversos níveis institucionais. As comunidades de base e a teologia da libertação foram, no Brasil, as referências da pastoral dos migrantes, já nos anos '70. Dornelas ainda apresenta as idéias centrais de uma teologia que sustente as opções pastorais a partir dos desafios sociais e culturais dos migrantes. Alguns conceitos centrais para esta ação tais como inter-multi-culturação, pastoreio, habitus hermenêutico e uma mística a partir da situação do migrante são elaborados e discutidos. Devido ao lugar dramático em que vive o migrante, em termos pastorais, seria importante manter um espaço para a construção de um discurso teológico que possa dar expressão à alteridade da fé do migrante para toda a Igreja.

Palavras-chave:

Migração: pastoral; Teologia da migração

Abstract:

Dornelas suggests that the migration waves and their pastoral problems from the XIX century on, where in the mind of the Church as we can see through some ecclesiastical documents and institutional agencies. In Brazil, Grassroots Communities, Liberation Theology, from the '70, are the central references for the pastoral activities with migrants. Having in mind cultural and social challenges we get from the reality of the migrants, Dornelas looks for some theological ideas that could give ground to the pastoral activities in this realm. Some of these concepts

are the inter-multi-culturation, 'shepherdship' (better, pastorship), hermeneutic habitus and a mystical attitude from the point of view of the migrant. They are presented and discussed. Due the dramatic situation of the migrant, it would be important, from Dornelas' point of view, keep some space for a theological analysis and discourse where one can express its original way of faith as migrant to all Church.

Key-words:

Migration: pastoral; Migration theology.

INTRODUÇÃO

A temática da Teologia e sua relação com a mobilidade humana como um evento social maior, representativo do fenômeno da Globalização e de suas formas decorrentes de organização do trabalho, de instabilidade das relações humanas e de diversificação dos intercâmbios culturais, apresenta-se como um necessário e potencialmente rico caminho de reflexão para a Igreja, porém ainda muito pouco explorado. A abordagem que procuraremos desenvolver busca problematizar este tema tendo como base questões levantadas pela experiência da Pastoral do Migrante nas duas últimas décadas, em particular no Brasil. Mais do que as atividades pastorais em si, ou a questão das migrações como evento social e político, o que se procura é a relevância teológica da experiência em que se apóia toda iniciativa pastoral em prol dos migrantes, ou seja, o encontro com o migrante como experiência genuína de fé, como ação potencialmente capaz de incorporar o migrante à Igreja e fazer a Igreja se reconhecer na experiência de fé e de vida dos migrantes. O agente de pastoral seria o interlocutor primordial de um tal encontro com o migrante, constituindo-se então em um lugar teológico e hermenêutico seminal.¹

1. A PASTORAL DOS MIGRANTES NA IGREJA

Desde o surgimento do fenômeno das grandes migrações européias no século XIX, em particular na Itália, a Igreja, através da criação de uma série de institutos, veio desenvolvendo uma ação pastoral específica em prol dos migrantes. As iniciativas pastorais foram se multiplicando ao longo do século XX, juntamente com a formação de várias formas de instituições voltadas ao acompanhamento pastoral dos migrantes, e as intervenções da Santa Sé no sentido de as animar e regulamentar canonicamente. Toda esta experiência acumulada ganhou uma primeira sistematização no interior da Igreja com a publicação

¹ O conteúdo deste texto traz elementos de uma reflexão por mim desenvolvida na Dissertação de Mestrado: DORNELAS, S. M. *Teologia e Pastoral dos Migrantes: Estudo teológico-pastoral das mediações vivenciadas pelo agente de pastoral a partir da atuação do Serviço Pastoral dos Migrantes (1985-2003)*. Dissertação de Mestrado em Teologia Pastoral, Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo, 2005.

² PIO XII, *Exsul Familia*. Constituição Apostólica sobre os cuidados espirituais aos emigrantes. São Paulo, 1955.

³ PAULO VI, Motu próprio *Pastoralis Migratorum Cura*. A assistência pastoral dos emigrantes. In CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, *A pastoral das migrações*. São Paulo, Paulinas, 1983, p. 13-54.

da Constituição Apostólica *Exsul Familia* (1952), ainda sob o Papa Pio XII.² Esta formalização da pastoral dos migrantes na Igreja foi atualizada conforme a inspiração do Concílio Vaticano II através do Motu Proprio *Pastoralis Migratorum Cura* (1969) do Papa Paulo VI.³ Todos estes documentos expressavam tanto a crescente importância social e política do fenômeno das migrações em todo mundo, como as suas implicações para a prática pastoral da Igreja num contexto cada vez mais complexo, em que as relações entre fé e cultura eram cada vez mais problematizadas, sobretudo nas sociedades do capitalismo avançado. A partir dos anos 1970, toda uma série de institutos em nível de Santa Sé e de Conferências Episcopais foi se estruturando, apoiada em uma crescente documentação, no sentido de dar legitimidade e sustentação à Pastoral do Migrante em toda a Igreja.

Também a partir desta época, começa a se organizar no Brasil uma experiência original de Pastoral do Migrante. Eram os anos da grande novidade representada pelas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), da reflexão teológica inovadora da Teologia da Libertação e da incidência política crescente das pastorais populares num contexto social e político de opressão dominado pelo regime militar. A Igreja inserida nos meios populares fazia a experiência espiritual e pastoral do protagonismo dos pobres no interior das CEBs e dos movimentos populares, como um sinal de renovação social e eclesial. Eram os anos também de uma grande transformação econômica e social através de um processo violento de modernização capitalista em todo o país, que tinha como uma de suas condições e conseqüências um enorme deslocamento de população, seja para as grandes cidades, seja para as áreas de expansão do capitalismo no campo. A Igreja estava cada vez mais sensível para o fenômeno das migrações internas, principalmente pela atuação dos religiosos e religiosas escalabrinianos, que têm por carisma o cuidado pelos migrantes. Envolvidos pelo imenso movimento de renovação da Igreja através da inserção nos meios populares, a Pastoral do Migrante começou a se desenvolver inspirada pela mesma experiência pastoral e espiritual que animava as CEBs, as pastorais populares e que encontrava sua melhor articulação na reflexão da Teologia da Libertação.⁴ Assim, a partir da Campanha da Fraternidade de 1980, que tinha por tema as migrações internas, a Pastoral do Migrante se desenvolveu rapidamente ao lado de outras pastorais populares, até o momento em que necessitou organizar um espaço próprio de intercâmbio e articulação em nível nacional, que a representasse em nível de Igreja. Foi então que surgiu o Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM) em 1985, se desenvolvendo a

⁴ GONÇALVES, A. J., Seminário João XXIII e Centro de Estudos Migratórios: memória de um passado recente. Em *TRAVES-SIA*, 52 (2005), pp. 17-24.

partir de então como uma expressão institucional da atuação social, política e eclesial da Pastoral do Migrante.

A grande originalidade desta experiência, como de resto aquela que embasou o surgimento das CEBs e a formulação da Teologia da Libertação, foi a descoberta do pobre como sujeito e artífice de sua libertação social e política, mas também de sua experiência de fé neste processo de libertação. O pobre, sob o olhar da Pastoral do Migrante, possuía o rosto do migrante que vivia concretamente o seu desenraizamento social e se deslocava pelo interior do país em busca de novas oportunidades, mas que também se organizava nas comunidades e nos movimentos populares e interpretava sua experiência de migração à luz da fé. A experiência do encontro com o migrante nas atividades pastorais iluminou a originalidade da prática desenvolvida pelos agentes de pastoral, e se apresentou desde a sua origem como princípio fundamental da atuação do SPM. No entanto, a migração foi se tornando mais complexa, ganhando sempre novos rostos e novas expressões, com a questão da inserção cultural e religiosa do migrante se impondo cada vez mais aos agentes de pastoral, problematizando a concepção política e teológica na qual foram formados. Tratava-se desde então de um traço característico do fenômeno da Globalização, em que as sociedades ao mesmo tempo em que eram marcadas pelo pluralismo das trocas e práticas culturais, eram também acompanhadas por uma transformação de sua estrutura social e política, o que passou a exigir das pastorais populares uma ação cada vez mais sistemática, estruturada, especializada e de maior envergadura. A necessidade de se fazer presente numa agenda de eventos de mobilização com um raio de influência cada vez mais amplo, para produzir maior impacto nas instâncias políticas de decisão, fez com que o SPM juntamente com outras entidades populares, procurasse enquadrar cada vez mais a ação pastoral dentro dos moldes dos movimentos sociais. Este novo contexto tornou mais clara a dupla determinação de sua ação pastoral, ora se reportando à Igreja como fonte de sua identidade e legitimação em meio aos movimentos sociais, ora se reportando às redes e aos moldes de ação destes movimentos em busca de maior eficácia política, levando a um estreitamento de sua concepção de pastoral, mais racionalizada e específica, produzindo conseqüentemente um processo de identificação ambíguo (entre o ser e o não ser Igreja), não só frente à Igreja como instituição, mas também frente aos outros grupos e movimentos eclesiais e mesmo frente às demandas sociais e religiosas dos migrantes.

Na verdade, os agentes de pastoral, atuando entre os migrantes, com as suas redes sociais e seus grupos e associações,

e a Igreja, com sua imensa diversidade organizativa, freqüentemente são presa de um diálogo desencontrado. No contexto da Globalização e da sociedade multicultural, de mobilidade constante, diversificação e sobreposição de referenciais culturais, os agentes de pastoral se vêem freqüentemente despreparados para lidar com as múltiplas, ambíguas e variadas formas que tomam as práticas culturais e religiosas dos migrantes, e as funções ideológicas que elas adquirem conforme os grupos e instituições que entram em relação com eles. No entanto, relacionando-se com os migrantes, ganhando a sua confiança e representando uma Igreja próxima a eles, os agentes também os representam frente a toda a Igreja. Neste sentido, também frente a uma Igreja cada vez mais diversificada, composta por inúmeros grupos, institutos e estruturas de pastoral, que procuram responder à não menos diversificada demanda social e religiosa da sociedade multicultural, os agentes de pastoral que se alinham ao SPM, às pastorais sociais, moldados nas concepções oriundas da Teologia da Libertação e dos movimentos sociais, encontram-se muitas vezes despreparados para estabelecer de maneira adequada o diálogo no interior do espaço eclesial. Coloca-se o problema das mediações necessárias para que o diálogo possa acontecer no plano de toda pastoral, para que a especificidade dos migrantes seja respeitada em sua condição social, bem como para sustentar uma pastoral que lhes seja adequada, e seja reconhecida e assumida por toda a Igreja.

Esta é uma preocupação que também ficou expressa no último documento veiculado pelo Pontifício Conselho para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes, *Erga Migrantes Caritas Christi* (2004), quando procura atualizar os princípios de atuação e as normas canônicas que orientam a pastoral dos migrantes para toda Igreja.⁵ Existe uma consciência clara sobre o problema da inserção do migrante na Igreja dentro do contexto da sociedade multicultural, tendo como pressuposto as duas exigências da pastoral: de um lado a necessária fidelidade e comunhão dos agentes de pastoral às estruturas hierárquicas da Igreja local, e de outro uma maior flexibilidade destes mesmos agentes diante das realidades em que vivem os migrantes, para um exercício sempre atualizado da inculturação da fé. Por isso, o documento *Erga migrantes* chama os agentes de pastoral de *agentes de uma pastoral de comunhão*, justamente porque exercem o seu serviço pastoral junto aos migrantes no sentido de sua acolhida e inclusão no interior das estruturas e do espaço eclesial. Poderíamos então dizer que o serviço específico prestado pelos agentes de pastoral é justamente o agenciamento das mediações entre a Igreja e os migrantes, sendo que o que os distingue no interior da Igreja é o de serem o seu

⁵ PONTIFÍCIO CONSELHO DA PASTORAL PARA OS MIGRANTES E ITINERANTES, *Erga migrantis Caritas Christi*. Instrução A Caridade de Cristo para com os Migrantes. São Paulo, Paulinas, 2004.

interlocutor privilegiado junto aos migrantes, vivendo uma tensão permanente nas relações dialéticas entre a autoridade da instituição Igreja e o mundo próprio em que vivem os migrantes. Neste sentido, a primeira condição para a realização da Pastoral do Migrante é o de estar à escuta do migrante, de acolhê-lo na sua alteridade, e explicitá-la no interior do espaço eclesial e frente às instituições da sociedade em que se insere. A segunda, inerente a toda atividade pastoral, é construir a comunidade cristã junto aos migrantes, isto é, uma realização concreta da Igreja que seja expressão de suas condições de vida e de sua experiência genuína de fé. Em outras palavras, de uma consciência lúcida de sua condição de agente de mediação entre os migrantes e a Igreja, nas suas dimensões social e eclesial, o agente pode explicitar o significado da experiência de fé dos migrantes para toda Igreja e o significado de ser Igreja junto aos migrantes, na realidade em que eles vivem. Nesse sentido, e como condição para uma adequada mediação social e eclesial, o agente de pastoral deve também exercer uma mediação teológica a serviço dos migrantes e de toda Igreja.

2. QUAL TEOLOGIA PARA QUE PASTORAL?

O interesse e o empenho da Igreja no meio das realidades seculares foram iluminados desde o Concílio Vaticano II pela categoria *senal dos tempos*. Interpretar os fatos sociais e políticos como *senal dos tempos* significava ver através deles o espírito de uma determinada época, a direção para onde caminhava a humanidade. Significava também perscrutar a ação do Espírito de Deus através destes mesmos fatos, e discernir o desígnio divino em um determinado momento e lugar da história, a fim de poder traçar oportunas orientações pastorais. A leitura de dados sociais, econômicos e políticos, notícias e denúncias contra a violação de direitos, sempre permitiu à Igreja uma leitura na fé dos caminhos da sociedade e se posicionar social e politicamente pela justiça em nome do Evangelho. Porém, o compromisso com os pobres e migrantes, através das pastorais populares e a Pastoral do Migrante, possibilitou também uma outra forma de leitura dos *sinais dos tempos*. No encontro com o migrante, na escuta de sua história de vida e de suas expressões culturais e religiosas, a partir do lugar subalterno que ocupa na sociedade — enfim, a partir de sua condição social — o agente de pastoral possibilita à Igreja uma outra leitura dos fatos sociais, a partir do lugar marginal em que o migrante vivencia a sua fé. O *olhar* do migrante permitiria não só uma visão alternativa da sociedade, mas também,

numa perspectiva de fé, possibilitaria perceber o apelo de Deus expresso na sua fala e nas suas práticas culturais e religiosas.

Trata-se de colocar no centro da dinâmica da prática pastoral e de sua reflexão teológica, a condição social do migrante. Na verdade, esta condição social possui uma particularidade própria na medida em que todo migrante vive uma condição de *provisoriedade permanente*, isto é, vivencia uma situação de permanente deslocamento social e cultural.⁶ Todo migrante é um emigrante, na medida em que é um *ausente presente* em relação à sua região de origem, à qual permanece moralmente ligado apesar de distante; mas é também um imigrante, ou um *presente ausente*, na medida em que é ignorado, está em posição subalterna na sociedade que o acolhe, que só admite sua presença enquanto provisória e apenas legitimada pelo trabalho. Todo migrante só legitima sua condição de *provisoriedade permanente* pelo imperativo do trabalho, que vivencia nos lugares segregados da sociedade, muitas vezes clandestino, coagido ora pelas leis da sociedade de recepção, ora pela sua dependência das redes familiares e sociais às quais permanece ligado. Assim, deslocado no espaço, o emigrante-imigrante também vive uma temporalidade híbrida, em que se misturam elementos fragmentários de sua cultura de origem e outros deslocados da sociedade em que se insere. Este processo de identificação ambíguo e multifacetado, em que os migrantes devem permanentemente reconstruir seus referenciais culturais, é vivido de maneira conflitiva ao longo de gerações, em primeiro lugar na família, mas também através de toda uma rede associativa. Numa sociedade multicultural, produto de uma Globalização marcada pela flexibilidade e mobilidade constantes, em que uma multiplicidade de grupos migrantes cruza seus referenciais culturais sob a influência da indústria cultural, a alteridade da condição social do migrante demanda à Igreja um outro olhar para as suas práticas de religiosidade popular, suas demandas sociais e políticas, a organização de suas redes de sociabilidade e suas expressões culturais.

Sem perder de vista a necessária dimensão social e política das pastorais sociais e a luta pelos direitos dos migrantes empreendida pela Pastoral do Migrante este novo quadro apela para uma recuperação de sua inspiração original. O que distingue a contribuição do agente da Pastoral do Migrante em sua relação com toda Igreja é o seu encontro com o migrante. Na medida em que vivencia esta mediação, ele pode exprimir dentro do espaço eclesial o olhar significativo e a vivência de fé oriundas da condição social dos migrantes. O encontro entre o agente de pastoral e a condição social do migrante pode se constituir assim em um autêntico lugar teológico. Neste senti-

⁶ A conceituação da *condição social do migrante*, tal como nós abordamos neste trabalho, foi elaborada por Abdelmalek Sayad, sociólogo argelino que estudou os imigrantes argelinos radicados na França. Em Português, dois trabalhos podem ser destacados: SAYAD, A., *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo, EDUSP, 1998; SAYAD, A., O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. Em *TRAVESSIA*, 2000, p. 7ss (número especial).

do, o agente de pastoral exerce uma verdadeira mediação teológica na medida em que através das mediações sociais e eclesiais, no interior da Igreja e na relação com outros grupos e instituições da sociedade, permite que a alteridade do migrante possa se fazer reconhecer enquanto tal. Esta mediação teológica, dentro dos parâmetros metodológicos expressos originariamente pela Teologia da Libertação, permitiria que da prática pastoral junto aos grupos migrantes pudesse emergir um novo discurso teológico-pastoral, com uma nova agenda de reflexão, novas temáticas e novas perspectivas para a ação da Igreja na sociedade atual.⁷ Neste sentido é que podemos propor alguns pontos de discussão.

2.1. Mediações entre a fé e a cultura dos migrantes

Uma teologia que se proponha fazer uma reflexão a partir das questões ligadas à diversidade e alteridade das práticas culturais na ação pastoral deve necessariamente colocar o tema da inculturação. Se esta temática nasceu do contexto da descolonização europeia e do advento do Vaticano II, em que os missionários se viram obrigados a repensar a articulação entre fé e cultura, em função de uma autêntica evangelização de povos de origem não-cristã e não-ocidentais, cada vez mais ela vem sendo levantada diante das questões de evangelização no meio urbano ou nas regiões de fronteira, que vivenciam um processo intenso de contatos inter-étnicos provocados pelo fenómeno das migrações. A *inculturação da fé*, assim, se tornou uma chave importante de leitura das dinâmicas de articulação entre fé e cultura nas CEBs, em que diferentes extratos sociais, heranças culturais, linguagens de fé puderam entrar em relação e conviver, traduzindo-se em práticas pastorais inovadoras de inserção da fé num contexto de transformação social.⁸

No atual contexto da sociedade multicultural, em que os migrantes se relacionam com inúmeros grupos e instituições, multiplicando-se os contatos inter-culturais numa superposição de diferentes referenciais culturais e usos ideológicos os mais variados, dentro e fora da Igreja, ao mesmo tempo em que eles permanecem às margens da sociedade, vivendo numa situação subalterna a sua condição de *provisoriedade permanente*, pode-se dizer que a cultura do migrante está longe de ser um todo harmônico em que se deveria *inculturar a fé*. Na medida em que se diluem os referenciais de origem dos migrantes e se intensificam as trocas culturais e simbólicas, as suas práticas culturais e religiosas adquirem o caráter do que se convencionou chamar de práticas *diaspóricas* e de *hibridismo* cultural.⁹ Em outros termos, a inculturação da fé neste contexto, para o

⁷ Em termos de metodologia da Teologia da Libertação nos servimos principalmente dos trabalhos de C. Boff e de J. L. Segundo. BOFF, C., *Teologia e Prática: teologia do político e suas mediações*. 2ª. ed. Petrópolis, Vozes, 1982; SEGUNDO, J. L., *Libertação da Teologia*. São Paulo, Loyola, 1978.

⁸ Ao lado de muitos estudos que trabalham a questão da inculturação, deve-se destacar, principalmente com respeito às CEBs, o trabalho seminal de Marcelo Carvalho Azevedo. AZEVEDO, M. C., *Comunidades Eclesiais de Base e Inculturação da Fé*. São Paulo, Loyola, 1986.

⁹ Cf. A. HALL, A questão multicultural. In HALL, A. (Ed.), *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte/Brasília, UFMG/UNESCO, 2003, p. 51-100.

agente de pastoral comprometido com os migrantes em sua condição social, significa muito mais uma *inter-multi-culturação*. Esta impositação das mediações exercidas pelo agente de pastoral entre a Igreja e os migrantes, entre os migrantes e as outras instituições sociais, e entre os diferentes grupos migrantes leva em consideração a multiplicidade de relações que o agente deve realizar numa sociedade e numa Igreja cada vez mais plural. O agente encontra a identidade fundamental de sua ação no encontro com a condição social do migrante como lugar teológico, em que se vivencia uma genuína experiência de fé, que pode sustentá-lo espiritualmente no exercício desta gama variada de mediações.¹⁰

¹⁰ Estas considerações se apóiam, juntamente com outros trabalhos da teologia hispano-americana nos Estados Unidos, em Peter Phan. Para o termo *inter-multi-culturação*, cf. P. PHAN, *The experience of migration in the United States as source of Intercultural Theology*. In CAMPESE, G. – CIALLELLA, P. (Eds.), *Migration, religious experience and globalization*. New York, Center for Migration Studies, 2003, p. 143-169.

¹¹ Para uma conceituação de *pastoreio*, cf. R. SATHLER-ROSA, *Cuidado pastoral em tempos de insegurança: uma hermenêutica teológico-pastoral*. São Paulo, ASTE, 2004, p. 65.

Nesta perspectiva, a *inter-multi-culturação*, agenciada na vivência do encontro com o migrante nas práticas pastorais, demanda uma consciência vocacional que interpreta este encontro como experiência de fé. A pastoral, tendo em vista uma relação que vá além de uma prática funcional constituída num movimento por objetivos sociais, políticos ou mesmo eclesiais, encara as mediações pastorais como um verdadeiro *pastoreio*, ou seja, a expressão da solicitude do *Cristo Pastor*.¹¹ Numa tal dinâmica, o agente deve ser um *facilitador* das expressões dos migrantes, na medida em que eles, subjugados e segregados, buscam espaços de visibilidade e interlocutores com quem se relacionar. Nesse sentido, é também um intérprete que traduz e defende a perspectiva do migrante, representando-o nas suas relações frente às diferentes instituições sociais e instâncias da Igreja. Porém, em vista de uma mediação teológica, enquanto pessoa de fé, o agente deve também se investir de qualidades de ordem teológica. Na *kénose* e na compaixão, vivenciando internamente, na perspectiva da fé, a condição existencial do migrante, o agente de pastoral se habilita para uma *inter-multi-culturação*, prestando o serviço de mediar o diálogo e o mútuo reconhecimento entre o migrante e a Igreja, entre o migrante e as outras instituições sociais. No contexto da sociedade multicultural, talvez a melhor expressão da *kénose* e da compaixão seja hoje a *permeabilidade*, enquanto qualidade do agente que se faz um ser de relações, que cruza as diferentes fronteiras entre os grupos dentro e fora da Igreja, se deixando também *cruzar* por elas, para possibilitar que o migrante possa realmente participar de um processo de inclusão social e eclesial.

Assim, a cidadania do migrante, seu protagonismo na sociedade e na Igreja, pede que se lhe restitua a palavra, para que a sua palavra autêntica se torne ação e expressão de sua existência. Como nas origens das CEBs, em que se pode perceber que a possibilidade do pobre dizer a sua palavra era também a possibilidade do seu surgimento como sujeito de direitos, as-

sim também restituir a palavra ao migrante ainda é o caminho para torná-lo reconhecido socialmente como sujeito de direitos. Na dinâmica de uma *inter-multi-culturação*, ou a articulação sempre fluída da fé no interior das práticas sociais e culturais atuais, este mesmo evento pode ser vivenciado como um novo lugar teológico. Para tanto, demanda-se à Pastoral do Migrante uma mística, uma espiritualidade da ação, que encontra sua fonte primeira no encontro com o migrante e se desdobra numa mediação teológica em relação a toda Igreja.

2.2. Mediação teológica

Na emergência das CEBs e da Teologia da Libertação, e como traço característico de seu método de reflexão, está justamente esta experiência espiritual da descoberta do pobre. A Pastoral do Migrante no Brasil teve como princípio justamente esta descoberta da face do migrante no pobre que ela encontrava, como a semente de uma nova experiência teológica. Na linha da metodologia da Teologia da Libertação, buscou-se desde o início estar à escuta do migrante, de suas angústias e esperanças, de sua história de vida, de suas expressões culturais e religiosas, de sua própria visão de mundo. A partir desta sensibilidade é que os agentes de pastoral e teólogos buscaram a contribuição das ciências sociais para compreender a realidade social, em que estavam imersos também os migrantes, e, dentro de um princípio rigoroso de articulação teológica, estabelecer a chamada de *Mediação Sócio-Analítica*.¹² A contribuição das ciências humanas permitiu uma leitura das migrações na linha de uma interpretação dos sinais dos tempos, no sentido de poder elucidar melhor a prática pastoral junto aos migrantes. No entanto, a experiência pastoral acumulada na escuta do migrante, a possibilidade que lhe foi dada de exprimir a sua palavra, também permitiu perceber que ele tinha sua própria visão da realidade.

¹² Cf. C. BOFF, *Teologia e prática*, op. cit.

Freqüentemente conflitivo e contraditório, de uma lógica tantas vezes estranha ao discurso racionalizador da modernidade, o migrante traz, na verdade, também uma interpretação de fé para os sinais que a realidade lhe apresenta, a partir da alteridade de sua condição social. Esta leitura original dos sinais dos tempos somente pode ser encontrada no exercício da prática pastoral, nos espaços de encontro com o migrante, proporcionados pelo agente de pastoral, e se tornam assim um verdadeiro *lugar hermenêutico seminal*. Se um princípio metodológico inovador da Teologia da Libertação (para permitir que a Teologia sempre se liberte de todas manipulações ideológicas, na concepção de J.L.Segundo), foi desde o início a *suspeita*

ideológica, através da qual se assumia uma crítica permanente das grandes correntes de pensamento, da influência da Mídia, da ação das instituições sociais, das manipulações do discurso da fé por diferentes interesses ideológicos — no contexto da sociedade multicultural, com sua pluralidade de discursos e influências, essa prática da *suspeita ideológica* deve ser ainda mais alargada. A crítica deve ir além dos discursos dos grandes formadores de opinião para se estender aos diferentes, superpostos e ambíguos usos ideológicos das práticas culturais e religiosas dos grupos migrantes. Trata-se de uma crítica de todas as formas de etnocentrismo, étnicas e de classe, que transpassam todo o espaço social e eclesial, a começar daquelas enrustidas na mentalidade e prática do agente de pastoral. Dialeticamente, tal prática da *suspeita ideológica* está intrinsecamente ligada a uma grande capacidade de escuta e de respeito às formas de expressão dos migrantes. Na verdade, o véu de interesses e usos ideológicos que perpassam tais práticas, inclusive aqueles dos próprios grupos migrantes e agentes de pastoral, pede que simultânea e complementarmente à escuta do migrante, esta operação de *desideologização* esteja em ação, a fim de se recuperar a genuína experiência de fé e vida vivenciada pelo migrante, a estrutura significativa de sua existência.

Desta forma, no exercício da mediação teológica através da vivência de suas práticas pastorais, o agente deve desenvolver um *habitus hermenêutico*.¹³ No arco amplo de mediações em que está envolvido, o agente *aprende a aprender*¹⁴ a partir do encontro com o migrante, elaborando um modo de interpretação próprio, que ao mesmo tempo resgata o *olhar* do migrante, lida com complexos condicionamentos sociais e eclesiais, e se deixa conduzir pela orientação de fé emanada da Sagrada Escritura e da Tradição da Igreja. O *habitus hermenêutico* como prática hermenêutica, é o que permite exercer a mediação teológica a partir da pastoral junto ao migrante. Trata-se de uma prática social, porém, simultaneamente, é também exercício espiritual, na medida em que o agente se faz instrumento da ação do Espírito Santo, para que a prática e o discurso da Igreja se enriqueçam pela presença dos migrantes. Neste sentido, a escuta do migrante e a *suspeita ideológica* demandam um terceiro passo, o da construção de um discurso teológico que dê expressão à alteridade de fé do migrante para toda a Igreja, o que não pode ser completamente realizado no campo da pastoral, pois exige instrumentos teóricos nem sempre disponíveis na prática cotidiana. No entanto, é munido deste *habitus hermenêutico* e a partir desta prática cotidiana que o agente se habilita a interpretar à luz da fé as múltiplas tendências presentes na sociedade multicultural e no campo cada vez mais

¹³ Cf. C. BOFF, *Teologia e prática*, op. cit. p. 270. O termo *habitus* parece bastante sugestivo de uma prática hermenêutica incorporada à ação pastoral. O conceito de *habitus*, tal como utilizado por este autor, parece se reportar àquele concebido por Bourdieu, que corresponderia aos *sistemas de disposições duráveis e transportáveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípios geradores e organizadores de práticas e representações que podem ser objetivamente adaptadas a seu fim sem supor uma visão consciente de seus fins e o domínio expresso das operações necessárias para serem atingidas*, ou algo como a incorporação das *regras do jogo* (traduzido por mim do original Francês). Cf. P. BOURDIEU, *Le sens pratique*. Paris, Minuit, 1980, p. 80. Ao falar de *habitus hermenêutico*, Boff tem em vista o trabalho cotidiano de catequistas, ministros da palavra, animadores de círculos bíblicos, de grupos de reflexão de Fé e Política, de grupos de rua, que principalmente nas CEBs, com uma formação escolar limitada, aprenderam a discernir o significado da prática do Evangelho em cada nova situação do seu dia a dia.

¹⁴ Para uma abordagem sucinta sobre esta forma de aprendizagem, veja-se J. L. SEGUNDO, *Libertação da Teologia*, op. cit. p. 130ss.

plural da Igreja, para, a partir do lugar em que se encontra com a condição social do migrante, aportar uma contribuição seminal para um novo discurso articulado da fé. Por outro lado, é também a partir deste lugar e desta prática que se pode desenvolver uma espiritualidade da ação, que permita vivenciar um novo exercício da catolicidade, apto a incluir a alteridade do migrante na dinâmica de fé de toda Igreja.

2.3. O princípio da catolicidade

Desde o início, a tarefa primeira e irrenunciável da Pastoral do Migrante foi a defesa de direitos dos migrantes e a sua organização no interior da Igreja e da sociedade. Na grande variedade das atividades dos vários grupos que seguem a linha de atuação do SPM, por exemplo, se expressa a dimensão política de todas as pastorais sociais no Brasil nos últimos anos. Pela sua presença constante nos eventos de luta pela inclusão das classes mais espoliadas, sempre procurou expressar sua solidariedade junto a elas e seu posicionamento inspirado no Evangelho e na Doutrina Social da Igreja. Neste sentido, alargam-se as parcerias com outros movimentos sociais, racionalizando e sistematizando as estruturas de sua ação social, na busca de um maior raio de influência e de uma maior incidência política. Porém, esse nível de especialização da ação pastoral, o considerável dispêndio de tempo e energias que ela exige, leva paradoxalmente a um estreitamento de sua concepção de ação pastoral e a um deslocamento em relação a outras problemáticas que os grupos de base possam estar vivendo. Vivencia-se um diálogo desencontrado, entre, de um lado, a formação militante, minoritária e racionalizada dos agentes de pastoral, e de outro, o universo mental dos grupos migrantes, cujas demandas culturais e religiosas pedem outras formas de aproximação. Diante do quadro mais complexo da sociedade globalizada e multicultural em que os migrantes se inserem, a ação pastoral da Igreja é chamada a servi-los também sob outras modalidades. Trata-se sempre de recuperar o evento fundador de toda pastoral, no caso, a escuta do migrante em sua condição social, enquanto *pastoreio*, a solicitude do *Cristo Pastor*.

Desta forma, o serviço que o agente de pastoral presta aos migrantes e à Igreja, se realiza nos diversos níveis em que exerce suas mediações (social, eclesial e teológica) como verdadeira diaconia. Ele é vocacionado para abrir novos espaços e modalidades de diálogo entre os diversos grupos, dentro e fora da Igreja, ou seja, contribuir para proporcionar um espaço em que esta pluralidade das alteridades possa se encontrar e se fazer reconhecer na mesma *casa comum* que é a Igreja. Uma

tal ação pastoral que seja capaz de se inserir no menor dos grupos de migrantes e saber valorizá-lo, e ao mesmo tempo criar mediações para que possa dialogar com toda Igreja (seu Magistério Apostólico, mas também com toda sua imensa gama de grupos, entidades e movimentos) demanda uma nova concepção eclesiológica. Trata-se de uma eclesiologia que não se deixe mais pensar como um modelo de *círculos concêntricos* ou nos termos de uma polarização entre uma minoria esclarecida e uma maioria que vive num cristianismo massificado. O novo contexto em que nos encontramos pede uma visão de Igreja que possibilite pensar as mediações dentro de um espaço eclesial em que existe uma pluralidade de centros. Nesta Igreja multifacetada, o agente é chamado a mediar o diálogo entre a dimensão específica da Pastoral do Migrante com seus pequenos grupos de migrantes que vivem, lutam e celebram sua fé, e uma visão ampla de toda pastoral da Igreja, que procura abarcar uma grande variedade de sentidos da ação pastoral. Em outros termos, uma concepção de Igreja que seja capaz de pensar as mediações entre o *local* em que se dá o encontro com a condição social do migrante (entre tantos outros *locais*), através da prática do *pastoreio*, e o *global* de toda Igreja em sua unidade. Trata-se, enfim, de repensar e aprofundar o sentido da própria catolicidade.¹⁵

¹⁵ Para uma abordagem do princípio da catolicidade no contexto da sociedade atual, veja-se M. MIDALI, *Teologia prática*. Attuali modelli e percorsi contestuali de evangelizzazione. 3ª. ed. Roma: LAS, 2000, v. 2, p. 66-83.

O exercício da mediação teológica pelo agente de pastoral, concebida como *inter-multi-culturação* ou *habitus hermenêutico*, no plano da construção da Igreja através da ação pastoral não deve perder de vista este princípio da catolicidade que permite conciliar a diversidade e a unidade na mesma Igreja, em meio à fluidez da sociedade multicultural. Se por um lado, a Igreja, através do documento *Erga Migrantes Caritas Christi*, consciente das dificuldades atuais e dos desafios postos pela solicitude pastoral pelos migrantes, almeja pela criação de estruturas *estáveis* e *flexíveis*, em que se possa justamente conciliar a fidelidade ao Magistério hierárquico com a necessária criatividade pastoral frente às mudanças constantes advindas da realidade em que se encontram os migrantes — por outro, sabemos que é aos agentes que incumbe, no plano da pastoral, realizar esta conciliação, e não às estruturas por si só.¹⁶ Por isso, deve-se buscar proporcionar a eles uma consciência mais lúcida sobre sua identidade como ser de mediação, entre os migrantes e a Igreja, entre os migrantes e as outras instituições sociais. Portanto, os agentes aspiram por uma espiritualidade da ação, para serem *agentes da comunhão eclesial*, sim, mas também para atualizarem o princípio da catolicidade. Na sua inserção pastoral junto aos migrantes, na escuta da sua palavra, esperam proporcionar a possibilidade para que cada pe-

¹⁶ PONTIFÍCIO CONSELHO DA PASTORAL PARA OS MIGRANTES E ITINERANTES, *Erga migrantis Caritas Christi*, op. cit., 90.

queno grupo migrante possa se realizar como Igreja em sua ação pastoral, e nesta mesma medida, ao se reconhecer em comunhão com toda Igreja, toda Igreja possa se reconhecer, por inteira, nesta sua mínima parcela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste ensaio, buscou-se levantar alguns elementos de discussão em vista da construção de uma reflexão teológica que desponte da prática pastoral junto aos migrantes, com seus dilemas, desencontros e contradições, mas também com suas genuínas possibilidades para a criação de novos caminhos de reflexão para a Igreja. A mobilidade humana vem adquirindo proporções gigantescas nos últimos anos, e a Igreja deve estar atenta a este fenômeno para pronunciar sua palavra e contribuir para orientar os rumos de toda humanidade. Deve estar mais ainda atenta para se colocar ao lado dos migrantes, que nas posições subalternas e segregadas das sociedades do capitalismo globalizado lutam pelo reconhecimento de seus direitos ao trabalho e à cidadania. Porém, o seu traço distintivo é que a solicitude do *Cristo pastor* se manifeste e se faça atuante junto a cada migrante, em verdadeira comunhão com ele, para que o migrante não se sinta apenas um receptáculo vazio de sua mensagem, mas participante ativo no discernimento dos novos caminhos da Igreja de Cristo.